

18.06.2021 | 04.09.2021  
JOÃO VASCO PAIVA

**EXOLINGUISTICS**

"Paisagem do Medo" é um modelo topográfico introduzido por John William Laundré que sugere que um território pode ser mapeado de acordo com os movimentos de presa e predador. Nele são representados níveis relativos de risco de predação como picos e vales que refletem o nível de medo de predação que uma presa experiencia em diferentes partes do seu habitat. O modelo postula que as presas estão num estado constante de medo / num estado constante de alerta, e têm a capacidade de aprender e responder a diferentes níveis de risco.

Laundré também propõe que, dentro do conceito de "Paisagem do Medo", a inserção de novos predadores num determinado território, afeta a sua biodiversidade, a presença de outros predadores, a variedade de presas e, consequentemente, a flora - transformando a própria paisagem.

Num ambiente urbano, tais estruturas concetuais também podem ser aplicadas. Os nossos movimentos nos nossos habitats são definidos pela relação entre segurança e risco - o espaço urbano é projetado com essa finalidade. E embora isto seja mais explícito quando falamos sobre o uso de arquitetura hostil, existe também, num nível mais profundo, em cada dispositivo que constitui os espaços públicos e privados. De parapeitos a portas, calçadas, parques e estradas, o nosso espaço é pensado para orquestrar o nosso quotidiano, e esses conceitos interiorizam-se de formas que determinam também a nossa relação com o *Outro*, e com as topografias que nos rodeiam.

"Exolinguistics" é a primeira exposição individual de João Vasco Paiva na Lehmann + Silva, e apresenta um novo corpo de trabalho constituído por aquarelas e cerâmicas produzidas no último ano. Enquanto as obras de cerâmica são renderizações de dispositivos de arquitetura hostil, encontrados nas ruas de Nova Iorque, as aquarelas fazem referência a um manual de desenhos técnicos de mobiliário urbano, drenagem e componentes gerais do espaço público de Hong Kong, publicado pelo Hong Kong Government Highways Department.

Os dispositivos presentes nestes desenhos constituem uma paisagem pensada para a segurança e controle, para a otimização do espaço e fluidez da circulação - conceitos que se sobrepõem num local com alta densidade demografia.

Como esses dispositivos são reconhecíveis, a sua presença provoca respostas e comportamentos automáticos.

No entanto, a capacidade de um cidadão comum fazer mau uso, ignorar ou alterar tais dispositivos deve ser considerada. Tais apropriações estão presentes, não só nas intervenções

do quotidiano, como também em casos particulares como os protestos de 2019 em Hong Kong, onde alguns desses dispositivos foram apropriados para criar barricadas e outros instrumentos, a fim de deter ou retardar a progressão das forças de segurança. O questionar da natureza e função destes objetos, estando ciente de sua estranheza, torna-os um sistema alheio que pode ser confrontado. Revela as estruturas identificáveis como alienígenas, permitindo que sejam desafiadas, e permitindo uma nova, talvez necessária, percepção do habitat, da paisagem, e paralelamente, uma percepção alternativa de nós próprios nesse ambiente.

As obras desta exposição derivam de uma má utilização e má leitura destes desenhos técnicos, impelidos por uma rejeição deliberada das suas instruções, através da perversão de um sistema de representação.

JOÃO VASCO PAIVA  
18.06.2021 | 04.09.2021